

AQUISIÇÃO DA POSIÇÃO DOS PRONOMES CLÍTICOS DE PORTUGUÊS EUROPEU POR FALANTES NATIVOS DE CHINÊS^{1*}

WENJUN GU

NOVA FCSH/CLUNL

Resumo: O presente trabalho procura apresentar um pequeno estudo empírico sobre a aquisição da posição dos pronomes clíticos de português europeu (PE) por falantes nativos de chinês, tendo como objetivo descrever o estatuto e caracterizar o percurso de desenvolvimento das propriedades-alvo na interlíngua deste grupo de aprendentes de PE como língua segunda (L2). Recorreu-se a uma tarefa de produção (oral) induzida com imagens, anteriormente aplicada no trabalho de Costa & Lobo (2013) sobre a aquisição de PE como língua materna (L1). Pretende-se testar os conhecimentos dos aprendentes chineses sobre a colocação dos pronomes clíticos acusativos, de 3ª pessoa, em diferentes contextos sintáticos, nomeadamente nas orações simples sem proclisadores, nas orações simples com proclisadores e nas orações subordinadas finitas adverbiais. Participaram no trabalho 20 estudantes chineses, que estão a fazer intercâmbio em Portugal, para além de 19 informantes portugueses, como controlos. Os resultados preliminares indiciam-nos características semelhantes às observadas em falantes nativos de outras línguas que aprendem o PE como L2, assim como entre as crianças portuguesas na aquisição de PE como L1.

Palavras-chave: pronomes clíticos; aquisição de L2; aprendentes chineses; português europeu

1. Introdução

É sabido que os pronomes clíticos constituem um fenómeno problemático na aquisição do português europeu (PE). Estudos interlinguísticos (Varlokosta *et al.* 2015, etc.) mostraram que se encontram nesta língua características não observadas na maioria das outras línguas românicas. No contexto da aquisição como língua materna (L1), observa-se um desenvolvimento tardio e lento do conhecimento sobre a posição dos clíticos, registando-se, nos estádios iniciais, generalização de ênclise a contextos de próclise e verificando-se diferenças no ritmo de desenvolvimento em contextos distintos de próclise (Costa & Lobo 2013; Costa, Fiéis & Lobo 2015). Na esfera de língua segunda (L2), têm-se observado indícios de um percurso de aquisição semelhante ao observado nas crianças na aquisição de L1 (Madeira, Crispim & Xavier 2006; Madeira & Xavier 2009).

O presente trabalho, com base nos estudos efetuados, destina-se a apresentar um estudo empírico sobre a aquisição da posição dos pronomes clíticos de PE por falantes nativos de chinês, tendo em consideração que, por um lado, ainda não existem muitos trabalhos que abordam a aquisição da posição dos clíticos em PE como L2 e é necessário enriquecer a base de dados sobre esta matéria; e, por outro lado, os estudos já realizados são relativamente homogéneos no que diz respeito ao grupo de participantes, sendo falantes nativos de línguas românicas ou de línguas germânicas, bem como ao tipo de dados recolhidos, sendo de produção escrita ou de juízos de gramaticalidade/aceitabilidade, e poderá ser interessante verem-se também dados de produção oral por falantes nativos de uma língua diferente, como o chinês. Através destes dados, vai-se delinear e caracterizar o desenvolvimento dos conhecimentos sobre a colocação de clíticos em PE na interlíngua dos aprendentes chineses, averiguando se se encontram, neste grupo de aprendentes, características semelhantes às observadas em falantes nativos de outras línguas que aprendem PE como L2, assim como entre as crianças nativas de português.

Pelo facto de que se consideram inexistentes, em chinês, os pronomes clíticos, e que os pronomes clíticos estão associados ao domínio funcional, espera-se que este trabalho nos ajude a compreender melhor o desenvolvimento das categorias funcionais e as suas propriedades na interlíngua dos aprendentes não-nativos, fornecendo, de alguma forma, novas evidências para as hipóteses levantadas na área da aquisição de L2, nomeadamente as que discutem a possibilidade da aquisição das propriedades funcionais ausentes em L1.

^{1*} O presente trabalho faz parte de um estudo sobre a aquisição de pronomes clíticos por falantes nativos de chinês, que aprendem o português europeu como língua estrangeira. Trata-se de um trabalho desenvolvido no âmbito do projeto de doutoramento (No. 201506900058), financiado pelo Conselho das Bolsas de Estudo da China (“China Scholarship Council”, CSC), com base nos resultados de um teste-piloto, sob a orientação da Professora Doutora Ana Madeira.

Serão discutidas duas hipóteses neste âmbito, designadamente a de Transferência Plena/Acesso Pleno defendida por Schwartz & Sprouse (1996) e uma das outras que defendem o contrário, a Hipótese do Déficit Representacional, proposta por Hawkins & Chan (1997). Na perspectiva da Hipótese de Transferência Plena/Acesso Pleno, considera-se que “a gramática da L1 é transferida na sua totalidade, correspondendo ao estágio inicial da aquisição da L2, e é reestruturada gradualmente, à medida que o aprendiz é exposto a dados da L2 que são incompatíveis com as regras da gramática da sua interlíngua”. Presume-se que a reestruturação da gramática ocorre com base na Gramática Universal e, assim, prediz-se que “os falantes não-nativos podem adquirir plenamente todas as propriedades gramaticais da língua-alvo” (Madeira 2017, 315). Por outro lado, na Hipótese do Déficit Representacional, propõe-se que a aquisição das propriedades funcionais está sujeita a um período crítico e que, após este período, as propriedades funcionais que se encontram desativadas na L1 deixam de ser acessíveis aos aprendentes, resultando no insucesso da aquisição destas propriedades na L2.

Realizar-se-á uma discussão dos resultados de produção oral obtidos neste estudo, com base na qual serão verificadas as predições colocadas por cada uma destas duas hipóteses sobre a aquisição de L2.

2. Pronomes complemento em português europeu e em chinês

A língua portuguesa e a língua chinesa apresentam alguma diferença ao nível da pronominalização de complementos do verbo: em PE, empregam-se pronomes clíticos, enquanto em chinês mandarim, não havendo a categoria de clíticos pronominais, usam-se pronomes fortes, de acordo com a tipologia proposta por Cardinaletti & Starke (1999).

Na dimensão morfológica, encontram-se formas mais diversificadas de pronomes complemento em PE do que em chinês. Os pronomes complemento do PE distinguem-se dos pronomes nominativos e oblíquos (que se realizam como pronomes fortes) e, como se observa na tabela 1, apresentam formas diferentes para os pronomes acusativos, dativos e reflexos, enquanto, em chinês (Tabela 2), o pronome complemento reflexo mantém-se igual para todas as pessoas e os não-reflexos partilham as mesmas formas que os pronomes nominativos.

Tabela 1 – Pronomes complemento em PE

Pessoa	Não-reflexo		Reflexo
	Acusativo	Dativo	
Sg.	1. ^a	me	me
	2. ^a	te	te
	3. ^a	o/a	lhe
Pl.	1. ^a	nos	nos
	2. ^a	vos	vos
	3. ^a	os/as	lhes

Tabela 2 – Pronomes complemento em chinês

Pessoa	Não-reflexo	Reflexo
Sg.	1. ^a 我wo ²	自己ziji
	2. ^a 你ni/您nin ³	
	3. ^a 他ta/她ta/它ta ⁴	
Pl.	1. ^a 我们women	
	2. ^a 你们nimen	
	3. ^a 他们tamen/她们tamen /它们tamen	

No que diz respeito à posição sintática, os pronomes clíticos em PE apresentam uma maior variação do que os pronomes complemento em chinês. Podem ser colocados em posições

2 “Wo” é a “interpretação” do carácter “□” de acordo com o sistema romanizado de chinês, *Pinyin*, que descreve a pronúncia.

3 Os dois pronomes diferenciam-se entre eles no grau de intimidade e de respeito/cortesia. Emprega-se “ni” com pessoas íntimas enquanto “nin” é utilizado para mostrar respeito e formalidade.

4 Os três pronomes diferenciam-se em género e no traço [±humano]: “□ta” designa seres humanos masculinos e “□ta” seres humanos femininos, enquanto “□ta” se refere a uma entidade não humana (quer macho quer fêmea) ou inanimada.

proclítica, enclítica e mesoclítica, dependendo estes padrões de contextos sintáticos específicos.

De acordo com Martins (2013), aplica-se a próclise principalmente quando os clíticos se encontram: a) em orações principais, na presença de determinados elementos em posição pré-verbal, tais como palavras negativas (cf. (1)), certos quantificadores (cf. (2)), certos advérbios (cf. (3)), constituintes QU- (cf. (4)); b) em orações subordinadas finitas (cf. (5)); c) em orações infinitivas flexionadas introduzidas por determinadas preposições (cf. (6)). A ênclise (cf. (7)), como a ordem básica, ocorre nos restantes casos em que não é obrigatória a próclise. Finalmente, a posição mesoclítica ocorre quando os pronomes clíticos se juntam a verbos nas formas do condicional ou do futuro (cf. (8)). A mesóclise pode ser considerada uma variante da ênclise, já que ocorre nos contextos em que o clítico deveria aparecer em ênclise se o verbo não estivesse no futuro ou no condicional (Brito, Duarte & Matos 2003).

- (1) Não *me* disseram nada.
- (2) Tudo *me* parece bom agora.
- (3) Também *o* encontrei lá ontem.
- (4) Que *lhe* parece?
- (5) A Ana disse que *se* levantava sempre muito cedo.
- (6) Para *a* impressionarem, têm de organizar o evento muito bem.
- (7) O João levanta-*se* cedo.
- (8) Dir-vos-ei a verdade.

Quanto ao chinês, colocam-se os pronomes em posição pós-verbal (cf. (9)-(11)); e pré-verbal só em contextos muito restritos, como na construção “ba”⁵ (cf. (12)).

- (9) Ni mei kanjian *wo*.
Tu não ver eu
Não *me* viste.
- (10) Wo ye taoyan *ta*.
Eu também detestar ele
Também *o* detesto.
- (11) An Na shuo ta renshi *ni*.
Ana disse ela conhecer tu
A Ana disse que *te* conhecia.
- (12) Zhe xiangzi hen zhong. Ni ba *ta* fang zheli.
Esta caixa muito pesada. tu BA ela deixar aqui
Esta caixa é muito pesada. Deixa-*a* aqui.

5 A construção “ba” é um fenómeno específico da língua chinesa, em que uma expressão nominal, sucedente ao elemento “ba”, precede o verbo que a selecciona. Trata-se de um fenómeno bastante estudado na linguística chinesa, nomeadamente no que diz respeito à natureza de “ba” e às propriedades desta construção; no entanto, falta um consenso claro até agora. (encontram-se diferentes propostas de análise nos trabalhos de Y.-H. Audrey Li 2006; Huang, Li & Li 2009, entre outros).

3. Aquisição da posição dos pronomes clíticos em PE

A posição dos pronomes clíticos parece ter-se registado, na literatura, como um fenómeno problemático na aquisição de PE quer como L1 quer como L2. No âmbito da aquisição de L1, observa-se um desenvolvimento tardio do conhecimento da posição dos clíticos em PE, diferentemente do observado em outras línguas românicas, como, por exemplo, francês, italiano, espanhol, bem como em grego-padrão; os falantes nativos destas línguas começam a mostrar o domínio das propriedades-alvo da posição dos pronomes clíticos normalmente desde as fases iniciais, sem se manifestar quase nenhum problema de colocação (Grüter 2006; Guasti 1993/1994; Wexler, Gavarró & Torrens 2004; Marinis 2000, etc.). Relativamente ao PE, no entanto, os dados obtidos em estudos já realizados parecem revelar que: a) uma situação mais ou menos problemática de colocação de clíticos permanece até bastante tarde (Duarte, Matos & Faria 1995); b) observa-se um fenómeno de generalização de ênclise nos estádios iniciais (Costa & Lobo 2013); c) encontram-se assimetrias na aquisição de colocação de clíticos, sugerindo que: por um lado, a próclise poderá ser mais difícil e tardiamente adquirida do que a ênclise (Duarte, Matos & Faria 1995); e, por outro lado, os diferentes contextos de posição proclítica são gradualmente adquiridos pelas crianças e seguem um determinado percurso de aquisição, cuja ordem foi descrita como a seguinte: negação > sujeito negativo > advérbios > orações adverbiais finitas > quantificadores (sujeito) (Costa, Fiéis & Lobo 2015). No contexto da aquisição de L2, não existem muitos estudos que abordem a aquisição da posição dos pronomes clíticos em PE. Os poucos trabalhos relacionados com a matéria parecem sugerir que a colocação dos clíticos constitui um dos aspetos problemáticos da aquisição do PE para os aprendentes estrangeiros (Grosso 1999; Madeira, Crispim & Xavier 2006; Madeira & Xavier 2009; Mai 2006; Rosário 1997, entre outros). Foi observado ainda, em alguns destes trabalhos, um determinado percurso de desenvolvimento dos padrões da colocação dos clíticos em PE como L2, semelhante ao seguido pelas crianças na aquisição de L1. Contudo, os dados disponibilizados neste momento, sendo poucos em quantidade, não são suficientes para se desenvolver uma análise mais sistemática e aprofundada sobre o fenómeno, nem para apoiarem, de forma consolidada, as conclusões retiradas nos trabalhos anteriores. Por outro lado, os estudos já efetuados (Madeira, Crispim & Xavier 2006; Madeira & Xavier 2009; Rosário 1997, entre outros) são relativamente homogêneos no que diz respeito: i) aos grupos de participantes, sendo todos eles constituídos por falantes nativos de línguas românicas (francês, espanhol, catalão e italiano) ou de línguas germânicas (alemão, inglês e holandês), para além de uma língua urálica (finlandês); ii) ao tipo de dados recolhidos, incluindo produção induzida escrita (reescrita de frases, preenchimento de espaços, entre outros) ou juízos de gramaticalidade/aceitabilidade, sem se terem ainda considerado evidências correspondentes na produção oral, ou entre falantes de outras línguas.

4. Presente estudo

4.1. Questões de investigação

Como presente trabalho, procuramos descrever o desenvolvimento das propriedades-alvo na aquisição de PE dos falantes nativos de chinês, averiguando se se encontram, neste grupo de participantes, características semelhantes às observadas em falantes nativos de outras línguas que aprendem PE como L2, assim como nas crianças portuguesas.

Abordam-se especialmente as seguintes questões: (1) os aprendentes chineses de português L2 generalizam a ênclise? (2) estes aprendentes apresentam mais dificuldades na aquisição do padrão de próclise do que na de ênclise? (3) observam-se diferenças no ritmo de desenvolvimento entre diferentes contextos proclíticos? (4) se sim, qual é a ordem de aquisição que seguem os falantes de chinês?

Como descrito nas partes anteriores, o chinês mandarim, a L1 neste caso, diferencia-se do PE, a L2 em estudo, a respeito do seu sistema pronominal: em português, disponibilizam-se tanto pronomes fortes como pronomes clíticos, enquanto, em chinês, só os primeiros estão acessíveis. Assim, para adquirir os pronomes

clíticos em PE, os aprendentes chineses, adultos, no nosso caso, precisam de adquirir propriedades funcionais inexistentes na sua L1. Tendo em conta as duas abordagens apresentadas na secção 1, espera-se que:

- 1) Caso se verifique a Hipótese de Transferência Plena/Acesso Pleno, a aquisição das propriedades, com o acesso pleno à GU, acabará por ser bem-sucedida, i.e. todos os padrões de colocação dos pronomes clíticos de PE poderão ser adquiridos pelos aprendentes chineses.
- 2) Caso se verifique a Hipótese do Défice Representacional, não haverá indícios da aquisição dos padrões da colocação dos pronomes clíticos, porque os aprendentes deste estudo, sendo adultos, já não se encontram dentro do período crítico, e, de acordo com a hipótese, não serão capazes de adquirir as propriedades funcionais em estudo, uma vez que estas não fazem parte da sua L1.

Entretanto, as duas abordagens fazem previsões iguais no que diz respeito à fase inicial da aquisição das propriedades: os pronomes clíticos não serão encontrados na produção dos aprendentes chineses nos estádios iniciais; ou estarão presentes, mas analisados incorretamente como outras formas em chinês, como, por exemplo, pronomes fortes. De qualquer forma, a ênclise será a colocação preferida nesta fase.

4.2. Teste

Neste trabalho, recorreremos a uma tarefa de produção (oral) induzida com imagens, anteriormente aplicada no trabalho de Costa & Lobo (2013) sobre a aquisição de PE como L1. Com esta tarefa, pretende-se provocar, como apoio a desituações previamente desenhadas, produções orais de pronomes clíticos em português por parte dos participantes.

O teste foi realizado do modo seguinte: mostrou-se a cada participante uma série de imagens no computador, em que um personagem está a fazer alguma coisa. Iniciou-se uma conversa com o participante em torno do que estava a acontecer nas imagens, e depois colocou-se uma pergunta. Era esperado que, na resposta, os participantes, em diferentes contextos, produzissem clíticos em diferentes posições.

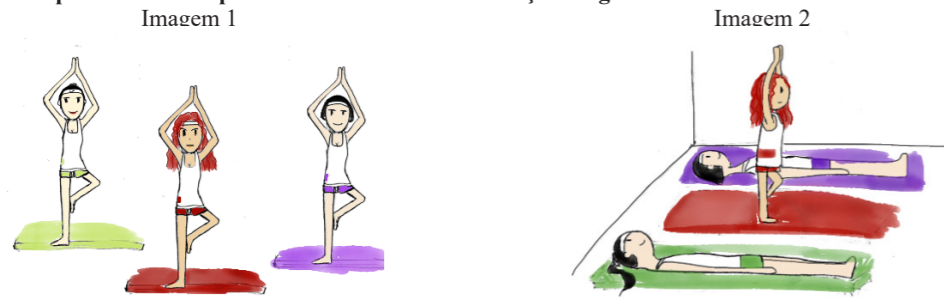
Foram testados 5 contextos⁶:

- i. orações simples sem nenhum proclisador
- ii. orações simples com proclisadores, nomeadamente:
 - a. negativas (*não*)
 - b. com quantificador proclisador (*todos*)
 - c. com advérbio que induz a próclise (*também*)
- iii. orações subordinadas adverbiais finitas (*porque*)

A tarefa incluiu no total 30 itens de teste, 6 por contexto, que induzem a produção de pronomes acusativos de 3ª pessoa, para além de 19 distratores. Em todas as condições, metade dos clíticos induzidos eram reflexos e metade eram não-reflexos. Nos contextos em que se induzem pronomes clíticos não-reflexos, foram sempre utilizados complementos diretos não animados. Segue-se um exemplo dos itens do contexto das orações negativas.

⁶ A posição mesoclítica não foi incluída como objeto do teste, já que se trata de uma forma alternativa da ênclise e que se considera mais marcada.

(13) Exemplo – Item exemplificativo do contexto das orações negativas



Investigadora – (Imagem 1) As três senhoras estão numa aula de yoga.
 (Imagem 2) Olha, esta senhora no meio está diferente.
 O que é que ela não fez?
 Resposta-alvo – (Ela) não se deitou.

4.3. Participantes

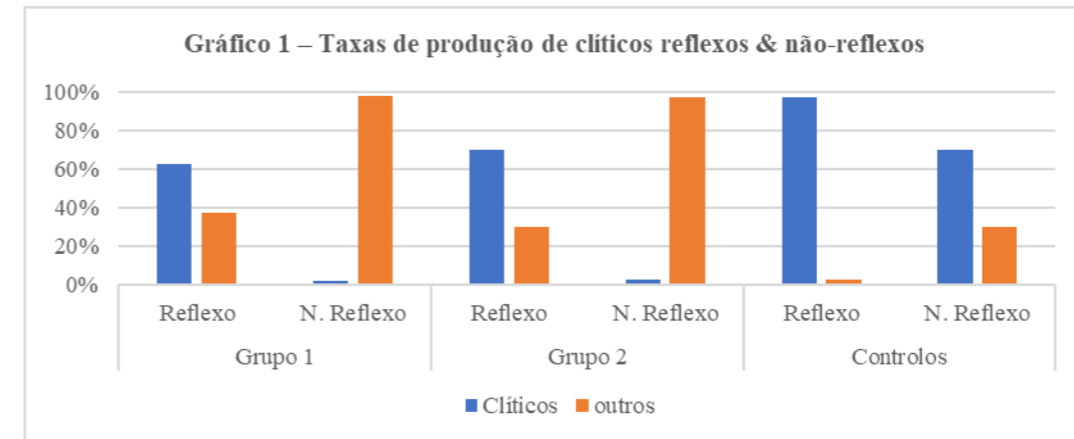
Participaram nesta tarefa 20 estudantes chineses, que estavam a fazer intercâmbio na Universidade de Aveiro. Foram divididos em dois grupos conforme o seu tempo de aprendizagem de português. Foi incluído também um grupo de controlo, composto por 19 falantes nativos de PE. Registaram-se as características dos participantes como se mostram na seguinte tabela:

Tabela 3 - Participantes

	Grupo 1	Grupo 2	Controlos
Idade	20-21 (20;7)	21-26 (23;5)	18-36 (21;11)
Tempo de aprendizagem	<= 2 anos	> 2 anos	/
Permanência em Portugal	1-12 meses (0;2)	1-4 anos (2;8)	/
L1	Chinês (mandarim)	Chinês (mandarim)	Português (europeu)
Outras L2	Inglês (n=10); Espanhol (n=1); Coreano (n=1)	Inglês (n=10); Espanhol (n=2); Japonês (n=1);	Alemão (n=6); Espanhol (n=8); Francês (n=7); Inglês (n=19); Italiano (n=2); Russo (n=1); Chinês (n=7)
Número de participantes	10	10	19

5. Resultados

Com os dados obtidos no teste, foi feita primeiro uma análise global da realização dos pronomes clíticos dos informantes. Observou-se que os participantes chineses quase não produziram clíticos acusativos não-reflexos (Gráfico 1⁷), recorrendo, neste caso, muito mais frequentemente às expressões nominais plenas, entre outras formas.



Tendo em consideração a pouca produção dos clíticos em contextos não-reflexos, optou-se por utilizar na análise a seguir apenas os dados dos contextos reflexos, em que os pronomes clíticos foram mais frequentemente produzidos. Além disso, só se incluíram como foco de estudo as frases em que foram produzidos pronomes clíticos.

Vimos que há sempre ocorrência de ênclise em contextos de próclise, mas não há ocorrência de próclise em contextos de ênclise (Tabela 4). Em ambos os grupos de chineses, a taxa de colocação-alvo nos contextos enclíticos foi de 100%, enquanto nos contextos proclíticos a taxa da ocorrência de próclise mantém-se inferior a 60%. No entanto, nestes contextos, observa-se um desenvolvimento do grupo 1 para o grupo 2, com diminuição da ênclise (a opção preferida no grupo 1) e aumento da próclise.

Tabela 4 - Taxas de colocação enclítica & proclítica

	Grupo 1		Grupo 2		Controlos	
	Contextos enclíticos	Contextos proclíticos	Contextos enclíticos	Contextos proclíticos	Contextos enclíticos	Contextos proclíticos
Ocorrência de ênclise	100%	75,71%	100%	43,75%	100%	18,10%
Ocorrência de próclise	0%	24,29%	0%	56,25%	0%	81,90%

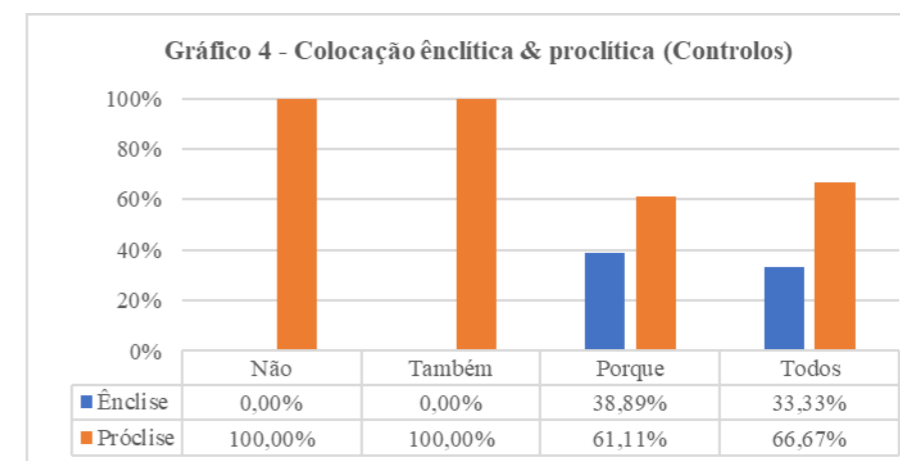
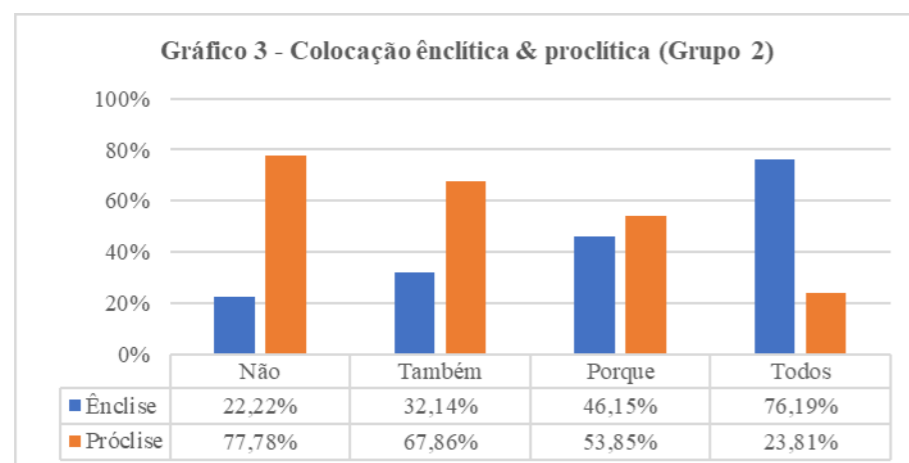
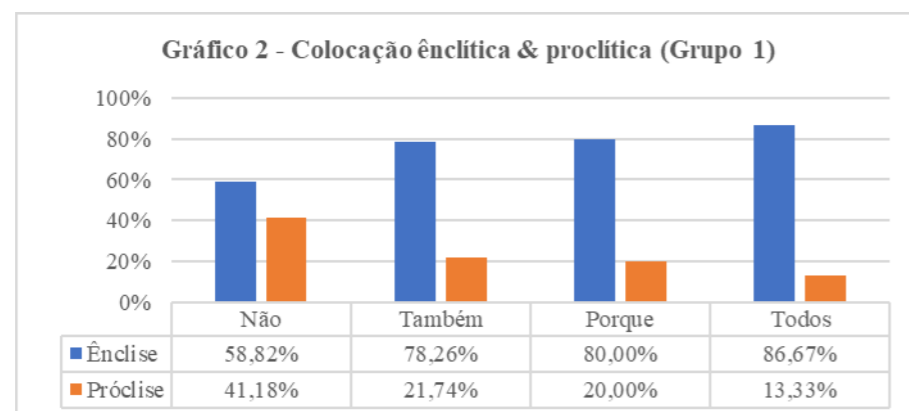
⁷ A opção “outros” que se encontra no gráfico corresponde a situações em que os aprendentes, em vez de usarem clíticos, produziram DPs, formas nulas, pronomes fortes e outras expressões, como, por exemplo, o uso da expressão “pôr maquilhagem” no caso em que a resposta esperada é “maquilhar-se”.

Gostaria de agradecer a um(a) revisor(a) anónimo(a) deste artigo por apontar que talvez a produção tivesse sido mais alta se se tivessem contemplado referentes animados, dado que há, em geral, mais omissão com não animados do que com animados.

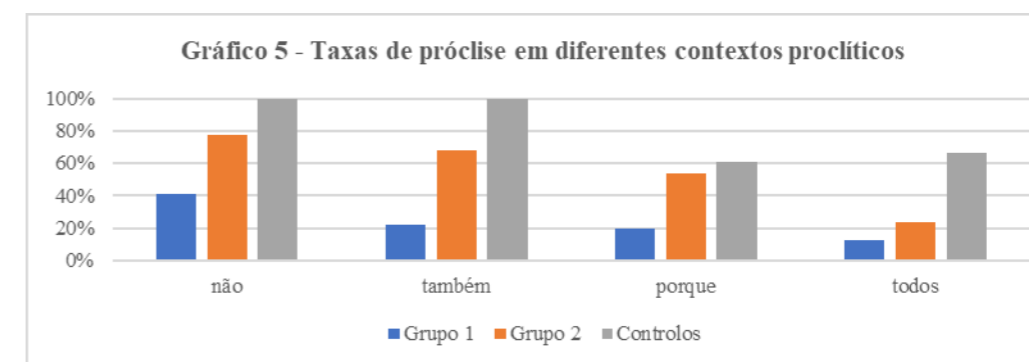
Apresentam-se, nos gráficos 2-4, os resultados relativos à colocação de clíticos em diferentes contextos proclíticos na produção dos nossos participantes.

Verificou-se, entre os participantes do grupo 1, uma preferência geral pela colocação enclítica em todos os contextos proclíticos, com uma taxa média de colocação enclítica de 75,94%, menos notável, porém, nas orações negativas, de 58,82% (Gráfico 2).

Esta preferência não foi observada no grupo 2, cujos participantes optaram pela próclise sobre a ênclise nos mesmos contextos (Gráfico 3), sendo a taxa média da ocorrência de ênclise 44,18%. Aliás, o contexto das orações com o quantificador proclisador “todos” é uma exceção, registrando, por sua vez, uma taxa de colocação enclítica de 76,19% (vs. 23,81% de colocação próclítica). A par disso, em comparação com os casos de orações negativas e com o advérbio “também”, no contexto de orações adverbiais causais, parece mostrar-se alguma variação relativa à colocação enclítica/próclítica dos participantes, com as taxas de ocorrência de 46,15% vs. 53,85%.



A taxa de posição-alvo dos clíticos nestes contextos indicia-nos assimetrias na aquisição de colocação dos clíticos pelos nossos participantes, indicando que os diferentes contextos proclíticos não são todos igualmente problemáticos para os aprendentes (Gráfico 5). Os padrões de colocação em alguns contextos, como, por exemplo, nas orações simples negativas, poderão desenvolver-se mais cedo do que nos outros. Os dados obtidos sugerem uma ordem possível da aquisição como: negação > advérbio > oração subordinada finita > quantificador. Os dois contextos que apresentam mais dificuldade na aquisição dos informantes também são os contextos menos estáveis nas produções dos controlos nativos.

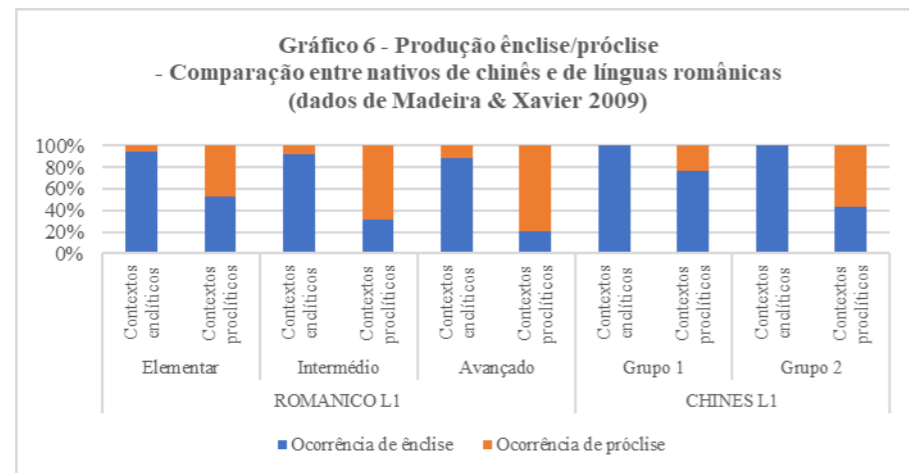


Com base nestas observações, procedeu-se a uma análise comparativa entre os dados do presente estudo e os dos trabalhos já efetuados em PE como L1 e L2⁸.

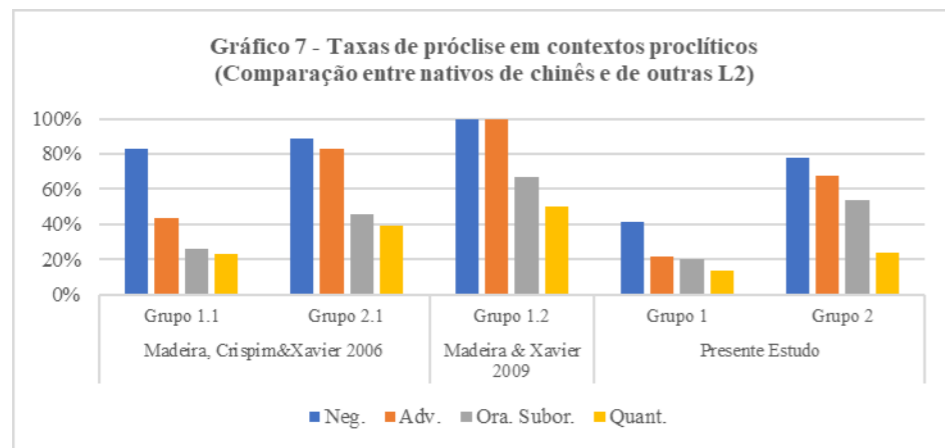
Foi encontrada, em Madeira & Xavier (2009), alguma semelhança entre os falantes nativos de outras línguas românicas (espanhol, francês, catalão e italiano) e os nossos informantes chineses no que diz respeito ao desempenho-alvo precoce na colocação enclítica dos pronomes clíticos (Gráfico 6). Apesar de serem menos altas as taxas de ênclise nos contextos proclíticos dos participantes nativos de línguas românicas do que as observadas no grupo de chinês L1, verificou-se uma generalização da ênclise entre aqueles participantes, os quais parecem mostrar também mais dificuldade na aquisição dos padrões de colocação próclítica relativamente à dos padrões de colocação enclítica.

8 Como não se verificou, na literatura de PE L2, a existência de dados de produção oral sobre esta matéria, foi realizada no presente trabalho uma comparação entre os nossos dados e os obtidos via tarefa de produção escrita dos outros trabalhos.

Semelhante ao observado no nosso estudo, registou-se ainda um desenvolvimento dos conhecimentos de próclise por parte dos informantes, com o aumento do seu nível de proficiência de português.



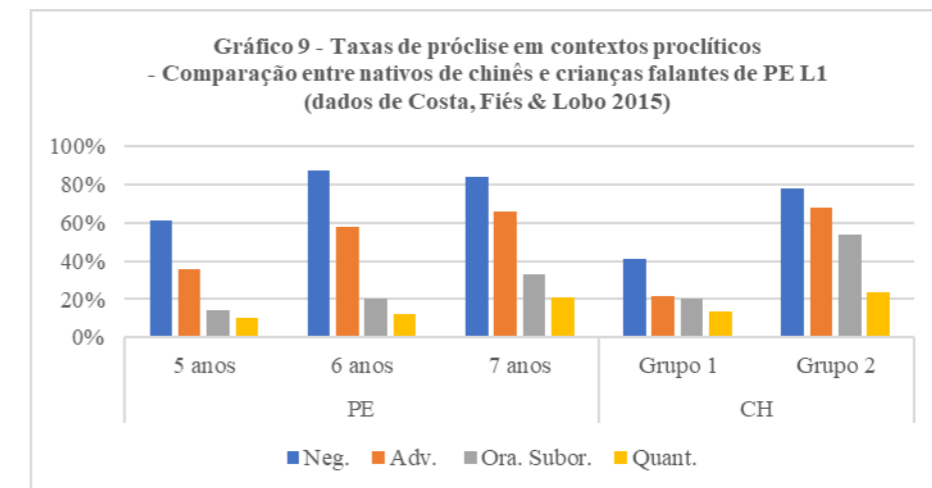
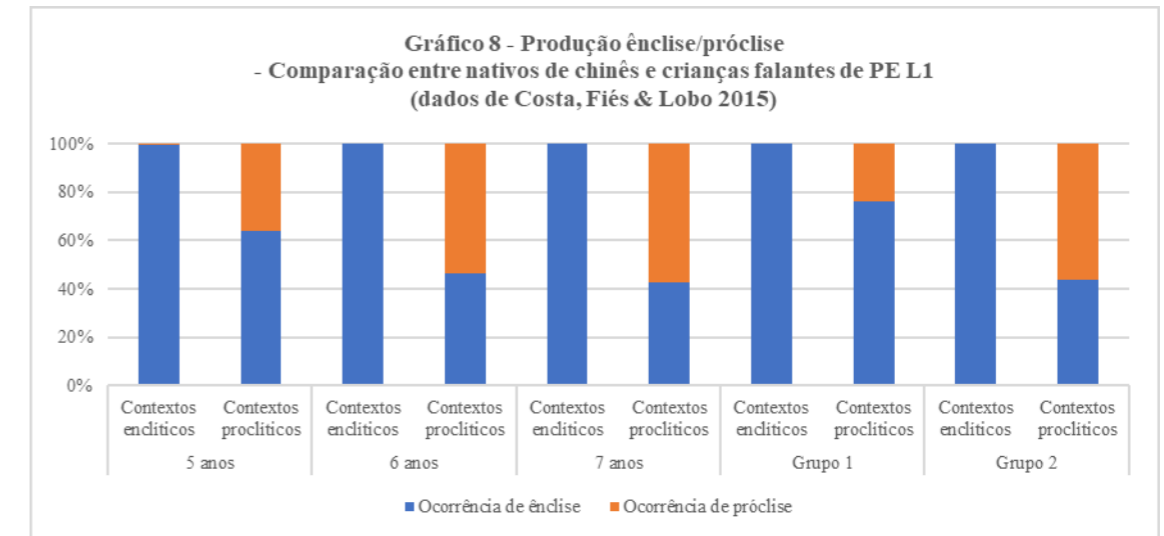
Ao compararmos as taxas de colocação-alvo dos clíticos nos contextos de próclise entre diferentes aprendentes de PE L2, com diferentes línguas maternas (espanhol, italiano, francês, catalão, alemão, holandês, finlandês e chinês) e tempo de aprendizagem da língua, observou-se uma ordem comum relativa à aquisição dos padrões da colocação proclítica nos vários contextos. Como se mostra no Gráfico 7^o, a ordem comum sugerida pelos resultados parece ser: negação > advérbio > oração subordinada finita > quantificador.



9 Caracterizam-se na tabela seguinte os informantes incluídos neste gráfico:

	Grupo 1.1	Grupo 2.1	Grupo 1.2	Grupo 1	Grupo 2
Trabalho	Madeira, Crispim & Xavier (2006)	Madeira & Xavier (2009)	Madeira & Xavier (2009)	Presente estudo	
L1	Línguas românicas		Línguas românicas	Chinês	
T. estudo	3 s. - 9 m.	1-2 anos	6-12 m.	<= 2 anos	> 2 anos
Idade	20-26	21-26	18-30	20-21	21-26
No.	10	6	17	10	10

A par dos trabalhos em L2, realizou-se também a comparação dos nossos dados com os dados de produção oral induzida obtidos em PE L1 (Costa, Fiéis & Lobo 2015). Foram verificados, nas crianças de idades entre 5 e 7 anos, quase todos os fenómenos observados com os nossos informantes chineses durante a sua aquisição de colocação dos clíticos, nomeadamente o domínio precoce da posição enclítica, a preferência inicial pela ênclise, mesmo nos contextos proclíticos, indícios do desenvolvimento gradual dos conhecimentos das propriedades em discussão (Gráfico 8), assimetrias na aquisição da posição proclítica em diferentes contextos, assim como o percurso potencial de aquisição da colocação nestes contextos (Gráfico 9).



6. Conclusões Preliminares

Neste trabalho, através de um pequeno teste de produção induzida, tentámos delinear o estatuto e o percurso de desenvolvimento da aquisição de colocação dos pronomes clíticos em PE como L2 por aprendentes chineses.

Com base nos dados obtidos, vimos que: (1) foi observada uma generalização de ênclise entre os aprendentes chineses, enquanto se verificou um efeito de desenvolvimento, com uma diminuição da ênclise e um aumento da próclise, em contextos proclíticos, dos informantes com menos tempo de aprendizagem (grupo 1) para os com mais tempo de aprendizagem (grupo 2); (2) a posição proclítica, em comparação com a posição enclítica, parece problemática para ambos os grupos, apresentando taxas de colocação-alvo de próclise sempre mais baixas do que as de ênclise no grupo 1 e uma variação considerável no grupo 2; (3) os padrões de posição proclítica não parecem ser adquiridos todos ao mesmo ritmo, sendo algumas condições adquiridas sempre mais cedo do que as outras; (4) o desenvolvimento destas propriedades poderá seguir um determinado percurso: negação > advérbio > oração subordinada finita > quantificador, semelhante ao verificado em PE L1 e também ao observado no PE L2 de falantes de outras línguas.

Vale a pena mencionar que nos parece pouco possível que a ordem de aquisição das propriedades observadas nos nossos informantes esteja relacionada com o ensino explícito que têm recebido nas aulas ou com o input linguístico a que estão expostos¹⁰, visto que, por um lado, a colocação dos pronomes clíticos constitui um dos conhecimentos básicos para os aprendentes de PE e os nossos informantes, que vieram estudar a Portugal com pelo menos um ano de aprendizagem da língua na China, devem já ter aprendido os padrões nas aulas antes de terem acesso ao input linguístico em Portugal; por outro lado, tanto quanto sabemos, pelo menos uma parte dos padrões de colocação dos clíticos (como, por exemplo, os relativos às orações simples negativas e às orações com certos quantificadores proclisadores) costuma ser ensinado ao mesmo tempo. Assim, não se verificam efeitos diretos do ensino explícito sobre a ordem de aquisição observada.

Em relação às hipóteses acerca da aquisição das propriedades funcionais em L2 não presentes na gramática de L1, encontra-se nos resultados deste estudo um desenvolvimento notável dos conhecimentos das propriedades-alvo entre os dois grupos, particularmente nos contextos de orações negativas e de orações com o advérbio proclisador “também”, o que poderá constituir indício da aquisição potencialmente bem-sucedida das propriedades, apoiando as predições da Hipótese de Transferência Plena/Acesso Pleno.

Os poucos dados que se disponibilizam neste momento não nos permitem realizar mais interpretações ou chegar a conclusões mais definidas relativamente às questões de investigação, mas deixam-nos pistas para futuros estudos mais aprofundados sobre a matéria. Com base nestes dados e nas conclusões preliminares deste estudo, daremos continuidade à exploração da temática com o aumento do número de participantes e com a inclusão de mais uma tarefa de juízos de aceitabilidade para verificar os resultados aqui apresentados.

10 Não podemos negar, aliás, a hipótese de que a dificuldade apresentada pelos informantes na aquisição da colocação dos clíticos nos contextos de oração subordinada finita e de oração simples com quantificador proclisador tenha algo a ver com a variação no *input*, uma vez que se observa também instabilidade nestes dois contextos entre os falantes nativos e que todos os informantes se encontravam em Portugal no momento em que fizeram o teste. Vamos tentar verificar melhor esta hipótese em futuros trabalhos, incluindo também participantes chineses que não estejam imersos no ambiente da língua portuguesa.

Bibliografia

- Brito, Duarte & Matos. 2003. “Tipologia e distribuição das expressões nominais.” In *Gramática da língua portuguesa*, editado por M. H. M. Mateus, I. Duarte & I. H. Faria, 797-867. Lisboa: Editorial Caminho.
- Cardinaletti, A. & M. Starke. 1999. “The typology of structural deficiency: On the three grammatical classes.” In *Clitics in the Languages of Europe*, editado por H. van RIEMSDIJK, 145-233. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Costa, J. & M. Lobo. 2013. “Aquisição da posição dos clíticos em português europeu.” In *Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 271-288. Coimbra: APL.
- Costa, J., Fiéis, A., & Lobo, M. 2015. Input variability and late acquisition: Clitic misplacement in European Portuguese. *Lingua* 161:10–26.
- Duarte, I., G. Matos & I. Faria. 1995. “Specificity of European Portuguese clitics in Romance.” In *Studies on the Acquisition of Portuguese*, editado por I. Faria & M. J. Freitas, 129-154. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística & Edições Colibri.
- Grosso, M. J. 1999. “O Discurso metodológico do ensino do português em Macau a falantes de língua materna chinesa.” Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Grüter, T. 2006. “Object Clitics and Null Objects in the Acquisition of French.” PhD Dissertation, McGill University, Montreal.
- Guasti, M.T. 1993/94. Verb syntax in Italian child grammar: finite and nonfinite verbs. *Language Acquisition* 3(1): 1-40.
- Hawkins, R. & C. Y.-H. Chan. 1997. “The partial availability of Universal Grammar in second language acquisition: The ‘failed functional features hypothesis’.” *Second Language Research* 13(3): 187–226.
- Huang, C.-T. James, Y.-H. Audrey Li & Ya Fei Li. 2009. *The Syntax of Chinese*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Li, Yen-hui Audrey. 2006. “Chinese *ba*.” In *The Blackwell companion to syntax* (vol. 1), editado por Martin Everaert & Henk van Riemsdijk, 374–468. Oxford: Blackwell.
- Madeira, A. 2017. “Aquisição de língua não materna.” In *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português* (Textbooks in Language Sciences 3), editado por Freitas, M. J. & A. L., Santos, 305-330. Berlin: Language Science Press.
- Madeira, A., M. L. Crispim & M. F. Xavier. 2006. “Clíticos pronominais em português L2.” In *APL – Textos Seleccionados. XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 495-510. Lisboa: Colibri.

Madeira, A. & M. F. Xavier. 2009. "The Acquisition of Clitic Pronouns in L2 European Portuguese." In *Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition: Case Studies across Portuguese*, editado por A. Pires & J. Rothman, 273-299. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

Mai, R. 2006. "Aprender português na China: o curso de licenciatura em Língua e Cultura Portuguesas da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai: estudo de caso." Dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro.

Marinis, T. 2000. "The acquisition of clitic objects in Modern Greek: Single clitics, clitic doubling, clitic left dislocation." *ZAS Papers in Linguistics* 15: 259-281.

Martins, A. M. 2013. "A posição dos pronomes pessoais clíticos." In *Gramática do Português*, editado por Raposo, E. P., M. F. Bacelar, M. A. Mota, L. Segura & A. Mendes, 2231-2302. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Rosário, M. 1997. "A aquisição dos clíticos em português como língua estrangeira: o papel da língua materna." Dissertação de mestrado em Linguística, Universidade de Lisboa.

Schwartz, B.D. & Sprouse, R.A. 1996. L2 cognitive states and the Full Transfer/Full Access model. *Second Language Research* 12(1): 40-72.

Tsimpli, I.-M. 2003. "Clitics and determiners in L2 Greek." In *Proceedings of the 6th Conference on Generative Approaches to Second Language Acquisition*, editado por J. Liceras, H. Zobl & H. Goodluck, 331-339. Somerville MA: Cascadilla Proceedings Project.

Tsimpli, I.-M. & Dimitrakopoulou, M. 2007. "The Interpretability Hypothesis: Evidence from wh-interrogatives in second language acquisition." *Second Language Research* 23(2): 215-242.

Varlokosta, S. et al. 2015. "A cross-linguistic study of the acquisition of clitic and pronoun production." *Language Acquisition*, DOI:10.1080/10489223.2015.1028628.

Wexler, K., Gavarrò, A. & Torrens, V. 2004. "Feature checking and object clitic omission in child Catalan and Spanish." In *Romance Languages and Linguistic Theory 2002*, editado por Bok-Bennema, R., Hollebrandse, B., Kampers-Manhe, B., Sleeman, P., 253--268. Amsterdam: John Benjamins.

INCORPORATION OF ENGLISH VERBS IN ROMANCE LANGUAGES – THE CASE OF TO SCAN IN ITALIAN AND FRENCH¹

IRENE FALLY

University of Vienna

Abstract: The advent of information technologies (IT) has led to a spread of English IT terms into other languages. While nouns can simply be borrowed from English without further adaptations, the integration of verbs is more complex. In the literature a number of linguistic strategies for the incorporation of verbs have been explored. Generally, they can be described as a continuum between two opposing poles: On the one extreme, English verbs are incorporated and adapted to the inflectional pattern of the target language. On the other extreme, new verbs, which are semantically close to the original, but morphologically based on the target language, are created. The present paper proposes a case study of how English language verbs are incorporated in Romance languages, namely French and Italian. Based on recommendations of language authorities on how to incorporate the verb *to scan* into French and Italian, this paper investigates which processes are used in the respective languages, whether and how the strategies employed differ and how these processes relate to actual language usage. In this study, two French and six Italian verbs meaning 'to make a scan' are identified, although only one of the French verbs and two Italian verbs fit the incorporation strategies proposed in the literature. A corpus analysis of the verbs shows that there are discrepancies between the strategies described in the literature and speaker preferences, pointing to the possibility that the incorporation strategies may not be able to account for intralinguistic dynamics.

Keywords: language contact, borrowing, word formation, verb morphology.

1. Introduction

With the advent of modern information technologies (IT), English-language IT terms have spread across the globe and permeated into common, everyday vocabulary of non-native speakers of English (cf. Winter-Froemel 2011). However, in many languages the terms are not simply taken over from English (cf. Jansen 2005, 26). While the direct incorporation of nouns is often possible even without any morphological adaptation, verbs pose more of a problem. When integrating verbs from English into their native language, speakers have to adopt different linguistic strategies. There are a number of theoretical accounts of the nature of these strategies (Haugen 1950; Wichmann and Wohlgemuth 2008). From the existing body of literature, a continuum between two opposing poles can be inferred: On the one extreme, English verbs are incorporated and morphologically adapted to the target language (cf. (1a)). On the other extreme, new verbs, which are semantically close to the English ones but morphologically based on the target language, are created, as exemplified in (1b).

(1) a. *to scan* > *scanear* (EP) / *escanear* (BP)

b. *to scan* > *numériser* (F)

As the examples in (1) illustrate, these strategies can differ from one language to another. In fact, even within one language the linguistic strategies may not be unified. In French, for example, in addition to (1b), the verb *scanner* meaning 'to make a scan' is equally used.

Although there exists a vast body of literature on language contact and on borrowing and loanwords in the languages at issue (cf. Bombi 2009; Depecker 2005; Quemada 2003), there is very little focusing on comparing these within one language family.

¹ I would like to thank my colleagues and my supervisor for their valuable insights and feedback on previous versions of this paper.